

ID: 117176724

15-05-2025

ESPECIALISTAS ANALISAM LEGISLATIVAS 2025

UMA CAMPANHA "SEM FRESCURA" E AUSÊNCIA DE MEDIDAS

ANA CLARA*

A "maioria maior" que Luís Montenegro pede ainda não é certa, ainda que as sondagens das últimas semanas sejam favoráveis à Aliança Democrática (AD) com o PS em queda. Com os indicadores a serem uma incógnita até 18 de Maio, com o 'não é não' ao Chega de Montenegro a manter-se e a "esquerda comprimida", segundo os analistas, o que se pode esperar da composição do próximo Parlamento e legislação? Na véspera de terminar a campanha eleitoral, o "Campeão das Províncias" foi perceber o que pensam os especialistas sobre o futuro quadro parlamentar que se pode vir a desenhar.

André Santos Pereira, analista político, começa por contextualizar o ponto do qual partimos para estas eleições. "Normalmente, um ciclo político é balizado por uma mudança de percepção do eleitor e isso não está necessariamente presente nesta eleição", afirma, acrescentando que o acto eleitoral de 18 de Maio "não significa necessariamente uma mudança de ciclo político" porque o que as sondagens ditam "é que as pessoas ainda querem um Governo de centro-direita", não obstante os "fantasmas que temos no horizonte", como os riscos económicos.

Neste sentido, antecipa, "ainda não chegou o momento de uma inversão de ciclo" porque estas eleições "estão a ser mais sobre uma questão nominal, de carácter, e de uma personalidade concreta, do que propriamente sobre medidas". André Santos Pereira relembra que se "olharmos para o caminho que este Governo fez ao longo dos últimos 11 meses" há dados "muito importantes" que têm que ver com as percepções do eleitorado. Primeiro, "há uma pacificação da rua". "No último ano do Governo de António Costa tínhamos uma contestação social forte (professores, funcionários públicos, etc.) e esse registo não é o mesmo agora. Esta diferença é relevante. Hou-



ve uma aposta na valorização das carreiras da função pública, nos pensionistas, e isto foi consequente para gerar alguma pacificação e permitir à AD entrar em eleitorados com os quais estava 'divorciada' desde os tempos da Troika", salienta, adiantando que nesta campanha de 2025 "discute-se pouca política e medidas, e isso é claro".

O risco de ciclos políticos curtos



Para André Santos Pereira, os resultados eleitorais do próximo domingo estão em aberto de forma muito significativa

Neste sentido, apança, "corremos o risco de estarmos numa Era de ciclos políticos curtos". Para o especialista em Políticas Públicas e professor do ISCTE, "o que conseguimos extrair dos inquéritos quantitativos e qualitativos nesta campanha é que as pessoas estão cansadas de eleições. Querem viver sem que a ingerência da política no seu quotidiano seja tão grande como tem sido", aludindo às várias eleições que o País tem vivido nos últimos tempos e às que estão programadas (autárquicas 2025 e presidenciais 2026). Considera que "as pessoas querem, por

um lado, estabilidade, por outro, a confiança dos protagonistas, e os que têm, provavelmente, não reflectem de forma suficientemente satisfatória essa vontade".

Para André Santos Pereira, os resultados eleitorais do próximo domingo estão em aberto de forma muito significativa. "Partindo de uma análise meramente académica, temos PS e AD

na margem de erro um do outro em quase todas as sondagens, e a possibilidade de ganhar um dos dois é real. Ou seja, não existe na cabeça das pessoas uma ideia consolidada". Quanto ao Chega, refere que, olhando para as sondagens, "a intenção de voto não diminuiu" o que é "curioso, se nos lembrarmos que há três meses estávamos a discutir vários casos", como

o de Nuno Pardal (acusado de prostituição de menores), o de Miguel Arruda (malas no aeroporto) ou Cristina Rodrigues ('apagão informático' de emails do PAN).

O académico não tem dúvidas, "o País virou significativamente à direita", independentemente de "a direita, como um todo, se entender a nível parlamentar, haverá uma expressão de voto à direita maior do que à esquerda".

Esquerda "comprimida"

"Os partidos de esquerda estão bastante comprimidos, também pelo facto de o PS ter um líder com um perfil vincado à esquerda, mas também porque a concentração de voto entre AD, IL e Chega tem um volume muito significativo quando comparado com a esquerda", antecipa. Todavia, sustenta, "há um elemento determi-

nante: a capacidade de o discurso de apelo ao voto útil de Pedro Nuno Santos ter efeito nos resultados eleitorais". Ainda assim, não antevê que a esquerda possa vir a ter "uma capacidade de revigoração" nestas eleições, apesar de isso estar dependente da capacidade do PS em mobilizar o eleitorado para o tal voto útil. "A esquerda vai ter uma eleição muito difícil, condicionada pelo facto também de o líder do PS se posicionar à esquerda do perfil tradicional dos Secretários-Gerais do Partido Socialista", constata.

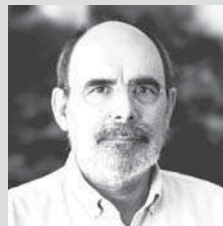
Em conclusão, remata André Santos Pereira, "a democracia é um exercício de construção permanente, e o papel dos líderes é determinante", sendo que "devem ser um exemplo entre o cidadão e o Estado". "Quando não o são, ou quando contribuem para consolidar a ideia de que os políticos são todos iguais, esta questão normaliza-se. E no dia em que isso se cimentar é o dia em que os democratas perdem todos. Porque essa é uma responsabilidade que tem de ser colectiva, e considero que é o maior desafio que a política portuguesa enfrenta".

(*) Jornalista do "Campeão" em Lisboa

"Há falta de autenticidade dos políticos"

No comentário que faz ao "Campeão" sobre estas eleições e a campanha que termina amanhã, 16 de Maio, José Adelino Maltez começa por salientar a "invocação moral" que existe hoje na política. Considera que "as pessoas estão cansadas" e diz que "se abusa da figura ética no que respeita à qualificação de um político numa coisa que tem que ver com a autenticidade". Para o politólogo, "as atitudes políticas do eleitorado já não são ideológicas porque as ideologias estão empataadas, sendo que o problema é a punição da falta de autenticidade dos políticos". "Isto é um problema cívico e a sensação de apodrecimento moral agravou-se nesta campanha e vai piorar com os resultados", afirma, acrescentando que "este é o problema principal da democracia".

"Os políticos estão convencidos que vão ter os mesmos votos, e podem ter, não têm é a mesma democracia. O povo é pragmático no mau sentido, pois não é



Para José Adelino Maltez, não são os partidos que comandam as campanhas, mas sim as agências de comunicação contratadas pelos partidos, pelos consultores de imagem e fazedores de argumentário

capaz de punir um político, mas também não é capaz de dizer que ele deve ser um bom exemplo. Ou seja, a política passou para uma esfera diferente da avaliação tradicional. E isso enriste-me", lamenta.

Sobre os resultados, Adelino Maltez não antevê que sejam muito diferentes dos que tivemos a 10 de Março de 2024. Considera que temos "uma esquerda em 'maus lençóis' porque há uma maioria sociológica de

direita farta". "O Chega, a IL e o PSD esmagam todos os outros partidos de esquerda que não recuperam. Ou seja, vai ficar tudo igual", sustenta.

Além disso, identifica outro problema, "a falta de frescura" que existe nos protagonistas, fazendo ao mesmo tempo uma analogia com os partidos sem assento parlamentar, que, segundo Adelino Maltez, "trazem algumas coisas novas, demonstrando que há mais política além dos candidatos à governação". O que conduz a outra questão que o preocupa e que é visível: a "qualidade das lideranças".

Já sobre os temas desta campanha, o politólogo resume-os a algo muito simples. "Há uma tendência clara e inequívoca: não são os partidos que comandam as campanhas, mas sim as agências de comunicação contratadas pelos partidos, pelos consultores de imagem e fazedores de argumentário. E há um exagero desse domínio, com a tal pouca frescura e ausência de au-

tenticidade", advoga. Tudo isto, sublinha, "transforma o cenário num teatro sem ligação ao público. E desemboca na falta de combate político, não havendo foco nos verdadeiros problemas". Quanto ao Chega, e depois do resultado histórico das últimas legislativas, José Adelino Maltez admite que "é a única incógnita", sendo que prognostica que "venha a ter um resultado entre 10 e 20%. O que significa que será decisivo nas eleições".

Em resumo, apesar de considerar que "a democracia corre muitos riscos e que está doente", Maltez diz que a "melhor coisa que nos pode acontecer é haver instabilidade". O politólogo recorda, por isso, a importância de termos um círculo de compensação, "de forma a não haver desperdício de votos", sendo que impera "um reformismo conjunto", que permitisse acordos de regime entre os dois maiores partidos de forma a "obrigá-los a fazer as reformas adequadas".